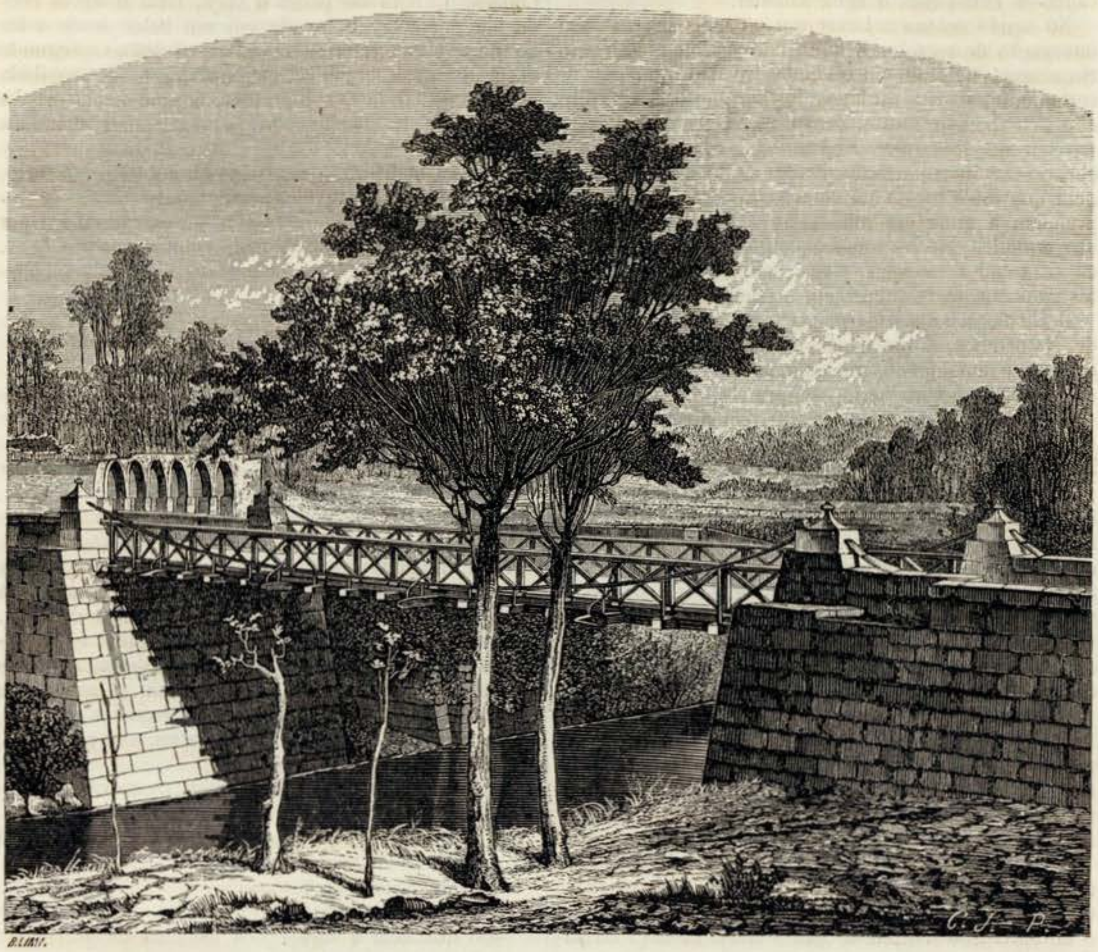


Ponte do rio Leça

É este rio de pequeno curso, e de pouco volume de aguas; mas ainda assim não deixa de ser um dos mais formosos e poeticos da bella provincia do Minho.

Nasce em uns juncaes, chamados *Lameiras do Redundú*, na freguezia de Monte Cordova, e proximo da estrada que vae do Porto a Santo Thyrso. Correndo d'ahi por meio de prados e veigas bem cultivados, e sempre verdes, e por partes á sombra de annoso arvoredo, lança-se no Oceano a pouco mais de uma legoa ao norte da foz do Douro, tendo banhado o logar de Matozinhos, que quasi se esconde á vista sob a espessura dos bosques, e o de Leça da Palmeira, que se espelha simultaneamente nas aguas do rio e do mar. O seu curso é apenas de quatro legoas da antiga medida. [1]

A barra é só accessivel ás embarcações de pesca, e mesmo para estas é difficil a entrada na baixa-mar, por causa da areia que ahi se tem accumulado. Outr'ora defendia-a um fortim com dois canhões, construido sobre rochedos no seculo XVII, por occasião da guerra da independencia. As ondas embravecidas encarregaram-se de o combater, e conseguiram prostral-o. Hoje só d'elle restam algumas paredes, tão ponteagudas pelo continuo desabar das pedras, e tão carcomidas pelo embate das vagas, que, apesar da mesquinhez da obra, offerecem á vista pittorescas ruinas. A distancia de tiro de fusil, em terreno mais elevado, e dominando a barra e o pequenissimo porto, ergue-se outro forte, não grande, porém maior que o primeiro, e de melhor construcção. Guarneciam-n'o quatro peças de artilheria, mas ao presente está desarmado, posto que guardado por veteranos, e em bom estado de conservação. Não obstante achar-se contiguo a Leça da Palmeira, no extremo do logar para o lado do norte, é chamado *forte de Matozinhos*, por ter sido dedicado ao sr. Jesus de Matozinhos, cujo templo lhe fica fronteiro para o interior do paiz, e não muito distante. Este forte foi edificado pelo mesmo tempo do fortim da barra, que teve o nome de *forte de Leixões*, por estar defronte de uns grandes rochedos assim chamados, que se levantam, como ilha, do seio do mar.

Actualmente os barcos que entram pela foz não passam do porto propriamente dito, que é um curto espaço desde a barra até á ponte de pedra, que une, em todo o rigor da palavra, as duas povoações de Leça da Palmeira, e de Matozinhos, dando passagem á estrada que conduz á cidade do Porto.

Além da ponte divide-se o rio em dois braços, um de agua salgada, por onde entram as marés, e que serve para o fabrico das salinas que lhe guarnecem

[1] É notavel que varios auctores nacionaes, entre elles João Baptista de Castro no seu *Mappa de Portugal*, se enganassem a ponto de assignalarem a este rio um curso de doze legoas!

as margens; o outro de agua doce, e este é o Leça, que, discorrendo placidamente sobre leito mais alto, fórma um açude junto da ponte, onde trabalha uma azenha, e ahi se precipita em vistosa cascata, misturando-se então com a agua salgada.

No açude costuma haver um ou mais barcos para navegação de recreio. E que lindo passeio é esse pelo rio acima! Mais ameno e campestre não o offerecem, certamente, os rios ou lagos dos parques reaes. O oiro e a arte podem muito, sem duvida. Da sua alliança nascem quadros que nos captivam os sentidos, enchendo-nos de admiração. Porém os quadros de paizagem que mais tocam no coração humano, os que nos prendem a alma em mais suaves e meigos enlevos, são aquelles que a natureza delineou e adornou com as suas galas singelas e variadas, dispondo contrastes com que mais sobresáem as bellezas naturaes.

O rio Leça e suas margens, desde o açude até além de Matozinhos, é um d'estes paineis de singular formosura e amenidade, variando de aspecto de espaço a espaço, e sempre bello, sempre risonho, resplandecente de luz e de côres alegres, e todo elle cercado e toucado de verdores perennes.

Aos lados do rio estendem-se campos viçosos, que vão acabar em collinas assombradas de basto arvoredo. Ao rio fazem parede, e de quando em quando toldo, arvores e arbustos, que ás vezes se entrelaçam com plantas trepadeiras. Mas, posto que o rio seja estreito, não é tão densa a ramagem, que lhe traga escuridão, nem tão compacta que lhe empeça a vista do celebre sanctuario de Matozinhos, cujas torres se levantam superiores ás corpulentas arvores que o circundam. Até aqui as aguas reprezadas deixam navegar livremente em qualquer estação do anno. D'ahi até Leça do Balio, e d'este ponto para cima, corre o rio pobre de aguas no verão, e tão apertado por margens algum tanto elevadas, que chega a perder quasi todos os seus attributos de belleza. Mas, em compensação, vae cortando e regando veigas e planicies, que verdejam sem cessar, e servindo de ornamento, ainda apesar da sua pobreza, a mui formosas paizagens. A umas d'estas dá singular realce e interesse historico o antiquissimo templo de Santa Maria de Leça do Balio, que, com a sua coroa de ameias e a sua torre guerreira, campeia senhorilmente sentado entre bosques quasi á beira do rio. [1]

Proximo d'este monumento do seculo XIV atravessa o rio uma ponte, construida em 1846 pela companhia das obras publicas, por onde passa a estrada nova do Porto a Braga. Esta ponte e o paiz de entorno formam o gracioso painel que a nossa gravura representa.

A ponte é pensil, de ferro e madeira, e foi edificada ao lado da antiga, que deu a este sitio o nome de *Ponte da Pedra*. Esta ultima é um padrão da antiguidade. Dizem ser a que os romanos construiram para servir de passagem á via militar que ia de *Porto de Calle* (cidade do Porto) a Braga. [2] O que é certo é ser uma edificação de mui remotas eras, como o attestam a sua estructura, e o tisnado e carcomido das pedras. Consta de um documento do anno de 1021, que esta ponte já então existia. É o documento uma doação que fez D. Unisco Mendes do mosteiro de Leça, hoje egreja parochial de Santa Maria de Leça, ao mosteiro de Vaccariça. Descrevendo na dita doação as terras que pertenciam ao mosteiro doado, diz, vertido do latim barbaro em que se acha escripta:

. . . . *começa essa varzea desde o regato, e passa por junto da casa de Lalina, e continúa ao comprido até ao regato que corre pelo Villar de Maniulfo, e a outra varzea que começa do outro regato maior de Maniulfo, e vae acabar na Ponte da Pedra de Leça*... etc.

[1] Vid. pag. 257 do vol. IV.
[2] Idem.

O rio Leça era outr'ora navegavel para pequenos barcos até á *ponte de Guinfões*. Presenteando el-rei D. Affonso V em 1483 o convento dos Franciscanos de Matosinhos com uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, feita de pedra d'Ançã, foi a imagem conduzida por mar, e levada em um batel desde a foz do Leça até á referida ponte de Guinfões. Segundo diz a chronica seraphica, esta navegação foi prohibida a rogos dos frades, sob pretexto de que os perturbava no silencio e clausura que a regra lhes mandava guardar.

Depois construiram-se açudes que obstruiram o rio, e tornaram impraticavel a navegação.

Nos documentos antigos acha-se escripto Leça por differentes modos, porém mais commummente *Leza*. Ha quem pertenda que este nome é de origem phenicia.

I. DE VILHENA BARBOSA.

LEITURA PARA AS ESCHOLAS

OS MAUS GRACEJOS

(Conclusão. Vid. pag. 346)

III

Já se deixa ver que a jornada foi alegre, e que os nossos caixeiros se divertiram mais de uma vez á custa dos companheiros que o acaso lhes deparou. Bento entrára na posse do seu antigo papel, e desempenhava-o com tal chiste, que as gargalhadas dos seus novos amigos quasi que não paravam. Chegando a Avinhão, onde todos tinham seus negocios a tratar, separaram-se dando para ponto de reunião commum, á noite, uma certa hospedaria.

Quando Bento entrou já os seus companheiros estavam reunidos.

— Anda depressa, disse-lhe Henrique, estamos á tua espera ha mais de uma hora.

— O que aconteceu?

— Grande novidade.

— O que vem a ser?

— Pois não adivinhas?

— De certo que não.

— Está cá o nosso gorducho.

— João Luiz?

Exactamente. Tem as trouxas ao ar no meio da praça, e está chamando os transitantes para lhe verem as fazendas. É preciso que lhe pregues alguma peça.

— Capaz será elle de reconhecer o Bento, disse um dos caixeiros.

— Não é possivel. Viu-o de relance apenas na hospedaria, e o Pedro estava com outro vestuario. E de mais, nós não apparecemos.

— Estamos de accordo.

— Então andem d'ahi.

Saíram juntos e chegaram á praça onde João Luiz tinha expostos os seus objectos á venda. Bento escondeu os companheiros n'um botequim, onde podiam presenciar tudo sem serem vistos, aproximou-se depois do mostrador com aquelles ares indagadores e curiosos do camponez que vae á cidade fazer compras.

João Luiz adiantou-se para elle.

— O que pretende o senhor, disse-lhe elle com aquella volubilidade propria dos bofarinheiros; blondes, fitas, rendas, toucas, collarinhos? Veja, escolha, tem aqui de todas as qualidades.

— Incumbiram-me da compra de algumas toucas, disse Bento, mas não me lembra a qualidade que me disseram.

— Será d'estas ou d'estas, disse o vendilhão, apresentando-lhe algumas que tinha á mostra.

— Não são d'estas; era uma touca que podesse servir para quando faz calor e para quando faz frio. Em fim, deixe-me ver as que tem; talvez que vendo-as eu me lembre.

O bofarinheiro ia abrindo as suas caixas todas, e Bento sempre oscillando com a cabeça.

— Que pena! — murmurou elle, e a mim que me tinham incumbido duas duzias!

— Duas duzias! — repetiu o gordo vendedor.

E mexeu e remexeu novamente a sua loja ambulante, desembrulhando tudo quanto n'ella havia. Bento agarrava n'umas toucas, após estas n'outras, viravaas, revirava-as, estendia-as no mostrador, até que finalmente encaixou uma d'ellas na cabeça de João Luiz.

— O que é isso? — perguntou este.

— Quero ver que tal fica.

— Então é d'esta qualidade que quer?

— Está-me parecendo... Deixe ver, incline um poucochinho a cabeça.

— Não é assim, não é bem assim.

Depois, como se lhe tivesse acudido uma idéa de repente:

— Agora me lembro, disse, o que me encommendaram foi barretes de algodão para dormir.

— Por Deus! — exclamou João Luiz desconsolado.

E valeu muito a pena interromper a venda e desembrulhar todas as toucas.

— O trabalho que tem é tornar a entrouxal-as, meu rico; e avie-se, se não vem ahi uma rabanada de vento que lhe poupa o trabalho.

O vento começava effectivamente a levantar as toucas espalhadas; João Luiz procurou acudir-lhes, porém uma rajada mais forte levou-lhe parte pelos ares. O bofarinheiro soltou um grito de desespero, e entrou a correr após ellas com a touca de cassa na cabeça, que lhe esquecêra tirar com a precipitação. Assim que apanhava uma, levava-lhe o vento outra, com grande prazer dos transitantes, que iam parando para ver esta especie de lucta entre o vento e o gorducho. No entanto o auctor d'esta scena recolhêra ao botequim onde se escangalhava a rir em companhia dos outros caixeiros.

— É uma variante do jogo de argolinha. Um elephante a correr toucas!

— Lá parou finalmente. Apanhou todas.

— Mas ficou rendido; olhem como enxuga o suor da testa.

— Desgraçado! cae-lhe o suor em bica! Parece um chafariz.

— Está olhando para estes lados com ares ameaçadores.

— Pobre tonel! Olhem, resolveu levantar a tenda.

— Vencemos o Titão, disse Bento.

— Na verdade, proclamo-te Napoleão dos cassoantes, disse Henriques. Porém, meus senhores, divertimento não enche barriga. Vamos jantar.

IV

Recolhendo-se n'essa noite á hospedaria, soube o nosso caixeiro ambulante que a sua victima tambem alli se achava, e que partia tambem no dia seguinte para Aix, em cuja direcção mandára já a carroça de fazendas que trazia comsigo. Um moço fôra encarregado por elle de lhe tomar dois logares na diligencia. Bento incumbiu-se d'esta commissão projectando novo logro, e dirigiu-se ao escriptorio da carruagem.

Chegou a occasião da partida. Os caixeiros já estavam dentro da carruagem, quando o bofarinheiro se apresentou á portinhola.

— O que é isso? — exclamou Bento. De certo que esse senhor não ha de querer occupar um logar só; esmagava os visinhos.

— Não quero incommodar ninguem, respondeu João Luiz; e, apesar de ser dobrada despeza, costumo sempre tomar dois logares para mim.

— É verdade, disse o conductor, mas um dos que tomaram para o senhor é na almofada.

Uma gargalhada geral rebentou de todos os lados, e o pobre João Luiz, corrido e balbuciante, conseguiu, trocando o seu logar de dentro com um dos passageiros da almofada, içar-se até ao tombadilho da carruagem, no meio das risadas dos caixeiros, e principalmente dos ditos de Bento, que bradava:

— Tragam de lá um guindaste, um guindaste para este senhor!

Finalmente partiu a diligencia.

Bento, pela sua parte, já estava imaginando nova peça. A pertinacia com que o acaso se encarregára de expor constantemente o bofarinheiro ás suas cassoadas, parecia ter o que quer que era de extravagante, que o incitava a proseguir. E d'ahi irritava-o a paciencia d'aquelle gorducho. Tinha vontade de saber até onde chegava, e qual seria o gracejo que despertasse aquella natureza informe e obtusa. N'uma palavra, era campo aberto, thema achado, e a malicia tambem é preguiçosa. Procurar victima nova cançal-o-hia; a antiga já estava á mão.

Felizmente João Luiz, adivinhando estas disposições, evitou, sempre que póde, qualquer occasião de contacto com os caixeiros ambulantes. Conservou-se na almofada da diligencia, fazendo ouvidos de mercador a todos os gracejos; não porque lhes fosse insensivel, mas porque a necessidade o costumára a soffrel-os calado. Outro homem, dotado da destreza intellectual que permitte responder a um epigramma com outro immediato, ter-se-hia defendido como o ouriço, ferindo sempre a quem o atacasse; mas João Luiz devia soffrer os inconvenientes de um caracter tardio e inoffensivo. Posto que lhe custasse muito o ridiculo, acceitava-o como se acceita uma enfermidade inevitavel. E demais, não era esse o ponto mais sensivel do seu ser. O fim da sua vida, a preoccupação do seu espirito, eram de outra natureza; o que queria principalmente era colher bons resultados do seu commercio, reduzir as suas despezas e multiplicar os seus ganhos. Em quanto não tocavam n'este principal interesse, resignava-se e calava-se.

Chegando a Aix, soube que a carroça das suas mercadorias esperava por elle, e declarou que no dia seguinte partia para Peyrolles, cuja feira grande estava proxima, e saíu para ir ter com o carroceiro. Henrique veiu annunciar esta novidade aos seus companheiros.

— Perder o nosso João Luiz! — exclamou Bento, o que ha de ser de nós? Levava a nossa alegria comsigo no carro das toucas.

— É preciso demoral-o cá — repetiram os companheiros.

— Mas como?

N'este momento a voz do estalajadeiro, fiscal da posta, fez-se ouvir, quasi dominada pela de um rapagão de bigodes e de casaco militar.

— Quero já já os cavallos.

— Se lhe digo que não tenho nenhum.

— Mas olhe que se trata de uma ordem do governo.

— Ainda que fosse ordem do demonio.

— Não tem gado nenhum nas cocheiras?

— Póde verificar, se duvida.

O militar empurrou a porta.

— E aquelles tres cavallos? — perguntou.

— São de um bofarinheiro.

— Preciso fallar-lhe. Trago de Marselha ordens que não podem soffrer demora; elle não me ha de recusar, de certo, os seus cavallos para me levarem até á posta visinha.

Uma idéa louca passou pela cabeça de Bento, e, abrindo a janella, exclamou:

— O senhor póde dispor d'elles.

— Pertencem-lhe? — perguntou o estalajadeiro.

— É provavel, visto que disponho d'elles.

— Restituir-lh'os-hei immediatamente, disse o official.

— Seria cançal-os sem precisão, respondeu Bento; não preciso d'elles tão cedo; mande-m'os quando for melhor occasião.

O official agradeceu, mandou apparelhar e partiu immediatamente.

Imagine-se qual seria a sopresa do bofarinheiro quando, ao voltar em companhia do conductor da carroça, e perguntando pelos seus cavallos, soube que iam a galope pela estrada de Marselha fóra. Foi necessaria uma longa explicação para comprehender bem a nova peça de que era victima. Bento e os seus companheiros, grupados nas janellas da casa de jantar, seguiam-lhe, rindo, os movimentos.

— D'esta vez, disse Henrique, creio que se vae zangar devéras. Vejam como a barriga se agita e ondeia.

— Pede que lhe indiquem o Bento, disse outro caixeiro.

— Pela minha boa espada de Toledo, creio que vem apresentar um cartel ao Bento.

— Esperem um poucochinho, atalhou este, e verão como eu me porto.

— Não te zangues, vê lá; não tomes a coisa a serio.

— Pelo contrario, hei de parecer mais zangado ainda do que o offendido. N'estes casos quem grita mais é que tem razão.

— Eil-o.

O gordo bofarinheiro abriu a porta. Deteve-se um momento enleado; o resentimento, porém, pôde mais n'elle que a timidez; aproximou-se resolutamente de Bento.

— Foi o senhor, perguntou elle, quem dispoz ha pouco dos meus cavallos, dizendo que lhe pertenciam?

— Primeiro que tudo, preciso saber com quem falla, perguntou Bento com altivez theatral.

— Com o senhor, provavelmente.

— Queira então abaixar a voz; não consinto que me fallem como a um lacaio.

— O tom da voz não vem agora para o caso, tornou-lhe João Luiz com firmeza que não fôra de esperar. Ha muitos dias que lhe estou servindo de divertimento; até agora, para não fazermos questões, tenho soffrido tudo; mas não posso consentir que se apoderem da minha propriedade.

— Devéras! Ora realmente! — disse Bento interrompendo-o e sentando-se com ares de fidalgo a attender um credor — o que pretende?

— Quero que me restitua os cavallos, que são meus, disse o bofarinheiro com energia tal que os caixeiros entraram a rir.

Voltando-se para elles, com olhar irritado:

— A minha colera serve-lhes de divertimento, meus senhores, disse elle; veremos, pois, se lhes parecerá tão engraçada nos tribunaes.

— Nos tribunaes!... — repetiu Henrique.

— De certo que sim, tornou João Luiz; tendo assim disposto dos meus cavallos, fizeram com que eu não podesse ir á feira de Peyrolles.

— Póde lá ir ámanhã.

— Amanhã é tarde de mais. Por conseguinte, fizeram com que não podesse realisar os ganhos que contava ter n'esta viagem, e fizeram-n'o com maldade, com baixeza, com mentira!

— Basta, senhor — disse Bento, a quem a energia inesperada do vendilhão tinha derrotado, e que, não tendo resposta para dar, zangou-se devéras — não hei de soffrer insultos.

— Mas ha de soffrer verdades, replicou João Luiz, e peior para o senhor se ellas forem injuriosas; a acção que acaba de praticar é um roubo.

— Senhor! — exclamou Bento dirigindo-se para o seu adversario. Exijo uma satisfação por essa palavra.

João Luiz recuou.

— Quer matar-me tambem? — disse com voz alterada.

Bento cuidou que elle tinha medo; o seu furor arrefeceu, e acudiu-lhe á lembrança o papel que estava desempenhando.

— Não, exclamou elle, sou generoso, quero armas eguaes.

— Como?

— No senhor o mais desastrado acerta; é o mesmo que atirar a um portão de quinta.

— Então?

— Consinto que faça o mesmo que fez um actor gordo bem conhecido: quando chegou ao campo, traçou um circulo com giz na barriga, e disse ao adversario, que se a bala fosse parar fóra do alvo, não valia.

O vendilhão empallideceu. Farto havia muito de humilhações que procurára dissimular, tinha chegado a ponto de sentir perdida de todo a paciencia com aquelle ultimo insulto. Passou de repente da resignação á raiva. Atirou com o chapeo fóra e exclamou:

— Pois seja assim, quiz fazer-me desesperar, quiz fazer-me montaria como a um animal feroz; acabemos com isto; onde estão as armas?

— Vou buscal-as, disse Bento, mas faltam as testimunhas.

— Servirão estes senhores; de caminho terão novo ensejo para se divertir; mas avie-se que não quero esperar.

— Vae buscar as minhas pistolas, disse Bento a Henrique.

— Mas não é a valer, replicou-lhe este devagar.

— Era o que faltava.

— Então sim.

V

João Luiz e Bento estavam a dez passos um do outro, em quanto as testimunhas concluiam as ultimas disposições; Henrique aproximou-se de Bento.

— Nunca pensei que o tal gorducho se portasse tão bem.

— Realmente, disse Bento.

— Mas elle deve-se lembrar de que não escapa.

— Entretanto, sempre viste como se carregaram as pistolas?

— Polvora secca, um bocado de cortiça, e um teu bilhete de visita a calcar.

— Pois vou deixal-o em casa do sr. João Luiz.

N'esta occasião deram os padrinhos o signal. Henrique afastou-se, e os dois tiros foram disparados quasi ao mesmo tempo. O bofarinheiro soltou um grito e caiu.

— O que foi? — disse Bento correndo para elle.

— Foi o senhor que me matou, disse João Luiz balbuciante.

— Mas como?

— Veja.

E mostrou-lhe o peito d'onde o sangue corria em borbotões.

Um medico que estava na estalagem, e que viera com a sua carteira para dar ao duello apparencias sérias, examinou o ferimento e declarou-o grave.

— Mas é impossivel, disse Bento, a pistola carregada só com polvora sécca.

— Foi a bucha muito calcada, que fez de bala a esta curta distancia.

Bento juntou as mãos com desespero.

— Levemos o ferido para uma cama, um minuto de demora póde tornar o perigo maior.

As testimunhas fizeram uma especie de cadeirinha

com os braços, e transportaram João Luiz para casa do director da posta.

O bofarinheiro desmaiára, e só tornou a si com as dores do primeiro curativo. Entrou a febre com elle, e produziu-lhe uma especie de delirio que foi considerado como symptoma de mau caracter. Umas vezes fallava no seu negocio, fazia contas, confessava ganhos; n'outras, mais socegado, fallava em projectos destruidos e em felicidade perdida.

Bento fizera-se enfermeiro do seu adversario, resolvido a não o deixar mais. As consequencias atrozes do seu cruel gracejo tinham-lhe despertado os instinctos naturaes. Livre do miseravel orgulho a que obedecia, experimentava remorsos tão novos como pungentes. Era a primeira vez que chegára a condemnar-se, e aborrecer-se a si mesmo.

Entretanto o ferido pareceu socegar mais no quarto dia; manifestou desejos de regular os seus negocios, e mandou chamar um tabellião. Bento quiz sair do quarto; João Luiz, porém, pediu-lhe que ficasse.

— O que tenho para dizer não é segredo, murmurou com voz fraca, e não tenho razão alguma para occultar a minha ultima vontade. Demais, comprehende-se toda n'uma disposição unica; deixo tudo quanto possuo á menina Victorina Bernardo.

Bento, que se tinha sentado, levantou-se n'um pulo.

— Que está dizendo, exclamou elle, d'onde é que conhece esse nome?



José Picco

— É o de minha irmã, respondeu-lhe o doente.

— Bento soltou um grito e olhou para João Luiz meio desvairado.

— Sua irmã? — balbuciou elle. Pois o senhor será por ventura Pedro Bernardo, proprietario em Lille!

— Para Victorina, replicou o ferido, mas para os demais sou João Luiz, o bofarinheiro. Prometti a minha mãe educar minha irmã, fazel-a feliz, segurar-lhe o futuro. Para desempenhar a minha promessa renunciei ao descanço; enverguei um trajo de vendilhão, sem que minha irmã soubesse, para que m'o não embaraçasse, para que não soffresse com isso, acceitei todas as fadigas, fiz-me calculador, avarento mesmo. Pude finalmente juntar-lhe uma fortuna.

— Oh meu Deus! — exclamou Bento, quasi a desmaiar.

— Mas tenho ao menos a consolação de saber que minha querida irmã poderá gozal-a em companhia do homem que escolheu.

— Isso nunca! — disse Bento.

O ferido voltou-se.

— Nunca, repetiu Bento caindo de joelhos junto da cama do ferido; porque esse homem sou eu!

Não tentaremos pintar a scena que houve em seguida. O desespero de Bento chegava a loucura; tiveram de o tirar do quarto de João Luiz, a quem estas commoções podiam ser funestas. Teve febre tambem, e esteve com a vida em perigo.

Quando depois de algum tempo deu acordo de si; achou-se n'um quarto que não conhecia; uma enfermeira estranha estava á cabeceira do leito. Tudo quanto se passára lhe acudia á lembrança. Levantou-se dando um gemido, e proferiu os nomes de Victorina e João Luiz. Duas vozes lhe responderam.

Espantado afastou as cortinas da cama, a sua noiva e o vendilhão estavam ao pé da cama.

. . . .

Dois mezes depois verificou-se o casamento. Pedro Bernardo, que se deixára do commercio, não saiu mais da companhia dos dois esposos, e a Bento não custou muito fazer com que seu cunhado lhe perdoasse tudo. Entretanto nas raras occasiões em que um gracejo mais violento estava prestes a escaparlhe, João Luiz levava a mão ao peito, ao logar onde se via ainda a cicatriz, e Bento calava-se córando.

Eis a que perigos nos expõem os maus gracejos.

JOSÉ PICCO

A certos talentos excepcionaes, a certas vocações privilegiadas impõe ás vezes a Providencia uma rude provação, como preço da gloria que obteriam sem custo, se o infortunio e a lucta não fossem, manifestando-se de uma ou de outra maneira, companheiros inseparaveis de um elevado destino.

Para alguns sorri-se facil e seduzida a prestigiosa fada dos triumphos; adorna-lhes as frontes com as grinaldas de loiros, arredando os diademas de espinhos que suppliciam os menos felizes; os abrolhos da estrada muda-lh'os a sua varinha de condão em flores suavissimas; leva-os immediatamente ao Capitolio, supprimindo-lhes até o escravo insultador. Tem só para elles carinhos, lisonjas, meiguices; a visão côr de rosa, que lhes entre-mostra o prisma da esperança, realisa-lh'a complacentemente. Tudo lhes sorri, tudo os afaga; não ha no côro dos applausos que os rodeiam, nem sequer uma voz mais frouxa, não ha nem uma nuvem no ceo da sua gloria. Não ha? Se os obstaculos vulgares se desfazem, como fumo, ao toque magico da vara branca do genio, tem ainda que vencer, Deus assim o quer, um obstaculo horrivelmente excepcional. Se o calice da gloria, no qual só póde tocar um grupo de escolhidos, não tem para elles amarguras, tel-as-ha o calice da vida, o calice vulgar, o que gira indistinctamente em torno do banquete da existencia, aquelle em que se podem saciar os eleitos e os réprobos, os grandes e os pequenos, os aristocratas do talento e o vulgo intellectual.

O artista, cujo retrato apresentâmos agora aos nossos leitores, é um d'estes raros musicos para quem a arte ainda não conseguiu inventar difficuldades, e para os quaes o critico mais severo é obrigado a enfileirar-se na turba dos admiradores. Mas, se o seu excepcional talento o dispensou de luctar para vencer obstaculos para outros insuperaveis, suscitou-lhe a natureza um obstaculo imprevisto: fel-o cego. Se a esplendida manifestação d'essa maravilha musical fez calar as invejas, desapparecer as difficuldades que obstruem o caminho ao principio trilhado por uma vocação novel, e supprimir a taça de absynto que todos provam antes de tocar com os labios no inebriante licor da popularidade, em compensação deu-lhe Deus uma amargura infinda, e envolveu nas trevas da cegueira uma existencia predestinada para a illuminar o sol da gloria e a luz do enthusiasmo.

Nasceu já cego o artista no reino da Sardenha em 1830. Triste alvorecer sem luz, saudado, comtudo, pelos canticos propheticos das avesinhas do genio musical! Aurora sepultada em trevas, mas trevas rumorejantes de vagas melodias! Arrebol para o qual a natureza não descerrava a cortina que esconde o deslumbrante panorama da creação, abrindo-lhe ao mesmo tempo. com mão prodiga, o thesouro dos seus murmurios ineffaveis. No sanctuario em sombras se foi aninhar, silencioso e melancolico, o archanjo das harmonias.

Seus paes, pobres mas honrados, viam, com uma alegria estupefacta, desabrochar o genio musical na criança privada de luz. Já aos sete annos se revelava uma d'estas vocações irresistiveis, que não admittem contrariedade. Escutava com a maior attenção as musicas que ouvia, dando mostras de intimo contentamento, e anciando já soltar as azas n'esse ambiente que o fascinava.

Seu pae, condescendendo com tão vehemente desejo, entregou-lhe uma flauta e incitou-o a estudar. Desagradou-lhe o instrumento. O seu instincto d'aguia advertia-o de que não devia desprender o vôo, por mais gracioso que fosse, nas regiões vulgares, partindo como a andorinha da beira de um telhado; mas sim poisar nos alcantis inaccessiveis, e arrojar-se de lá ás nuvens, ainda virgens de tão audaz commettimento.

O acaso collocou-lhe nas mãos um d'esses agulheiros musicaes, a que os aldeãos sardos dão o nome de *zuffolettos*, e de que os paes se servem para entreter as crianças. Rebeldes á harmonia, estes instrumentos, tendo apenas tres orificios, creações da infancia da arte, agradaram provavelmente aos povos primitivos, como agradam agora aos infantes; porque, tanto uns como os outros, sómente se enlevam com a dissonancia. Era impossivel transformar o rude *zuffoletto* n'um instrumento acceitavel. Emprezas impossiveis eram exactamente as que quadravam ás aspirações d'aquelle genio original. Ahi temos, pois, o artista cego a braços com a improba tarefa.

Fôra impossivel descrever a ira dos visinhos, assim que principiaram a ouvir a desastrada tibia pastoril escandalisando o seu puro gosto de italianos, nos esforços que fazia para se subtrahir á influencia do genio do pequeno artista. Como as crianças que choram quando as lavam, a tibia guinchava quando Picco pretendia regeneral-a, fazendo-a occupar um dos primeiros logares entre os instrumentos civilisados. Devemos confessar que o *zuffoletto*, prevendo a proxima derrota, consolava os ultimos momentos da sua existencia primitiva com uma orgia de desafinação, que bastasse para compensar os melodiosos concertos que haviam de formar a segunda parte da sua existencia musical.

Finalmente o moço artista conseguiu subjugar o instrumento, e acalmar tambem as iras dos visinhos, que foram os primeiros, digâmol-o em sua honra, a saudar e a applaudir a maravilhosa transformação.

Todas as arias populares, todas as musicas tocadas pelas bandas marciaes dos regimentos que atravessavam a terra natal de José Picco, jorraram breve em torrentes de melodia do tosco instrumentosinho. Decididamente a criança era um prodigio.

Vieram então professores regularisar as inspirações do futuro concertista; foi aos theatros, ouviu as obras primas dos grandes mestres, e, com a mesma facilidade com que reproduzia as singelas arias do povo, reproduzia tambem os trechos mais difficeis das mais sublimes partituras.

Finalmente em 1855 o director do theatro de *la Scala* de Milão escripturou o prodigioso musico, e o publico milanez, colhendo as primicias d'esse talento, deu-lhe em troca, e enthusiasmado, o baptismo de gloria, a agua lustral dos applausos.

Saíndo de Milão percorreu a Italia, e percorreu-a em triumpho. Chegado a Roma, os membros da academia de Santa Cecilia convidaram-n'o a ser examinado theorica e praticamente. Annuiu, e compareceu perante esse senado artistico, a cujas leis o mundo se sujeita com tanta unanimidade, e muito mais voluntariamente do que outr'ora se sujeitava ás despoticas intimações do magestoso senado da Roma republicana.

Cada professor da academia tocava uma peça no seu proprio instrumento, e Picco repetia-a na tibia pastoril, ornando-a com as variações mais difficultosas, mais impossiveis que se poderiam imaginar. O resultado d'este brilhante exame foi o diploma de professor de tibia pastoril, que lhe foi entregue pela maravilhada academia.

De Roma passou a Inglaterra, e, percorrendo-a toda durante quatro annos, não conseguiu cançar a curiosidade e o enthusiasmo do publico inglez. Em 1860 chegou a Paris, e soffreu novo exame na Academia imperial do Conservatorio, presidida pelo maestro Auber. O mesmo triumpho, o mesmo enthusiasmo, os mesmos elogios.

Veiu depois a Hespanha, e a imprensa do reino visinho esgotou o seu arsenal de gongorismos sem con-

seguir expressar, como desejava, a elevada idéa que fazia do artista.

Hoje temol-o entre nós, e, tanto no theatro de S. Carlos como no theatro de D. Maria II, o publico portuguez não tem desmentido o juizo formado sobre José Picco pelos publicos estrangeiros.

Eis em rapidos traços o esboço biographico do portento italiano. Toda a imprensa tem esgotado já todos os tons da admiração, e, como uma apreciação critica de Picco não se póde formular senão admirativamente, nada nos resta a dizer.

Não imaginem comtudo os nossos leitores que José Picco possue apenas uma d'essas organisações mecanicas, que domam todas as difficuldades, e que obrigam o mais rude instrumento a desentranhar-se em prodigios inacreditaveis, não imaginem que é um d'esses automatos sublimes sem alma, sem gosto, sem sentimento. Não! lá dentro ha o fogo sagrado, ha a inspiração, ha o intimo Deus; n'aquellas trevas interiores desprende os seus gorgeios o rouxinol do genio; as azas brancas dos sonhos harmoniosos sulcam vagamente a noite dos sentidos. O artista sente, comprehende, adivinha a creação. Aquelle templo sombrio abriga e resume no seio os hymnos sublimes da natureza, como essas conchas das praias, em cujo recesso obscuro se resumem n'um murmurio ineffavel o bramir das procellas, o suspirar das brisas, o gemer das ondas nas praias, o rugir das vagas encapelladas, todos os canticos indiziveis que desprende na immensidade a lyra espumosa do Oceano.

M. Pinheiro Chagas.

EXEMPLOS DE LEAL PORFIA

DOS ANTIGOS PORTUGUEZES EM RESISTIR Á VONTADE DOS REIS

I

Dera el-rei D. Affonso v o senhorio de Portalegre a D. Sancho de Noronha, conde de Odemira, capitão de Ceuta [1], commendador-mór de S. Thiago, alcaide-mór de Estremoz e Elvas, senhor do Vimieiro, Mortagoa, Aveiro e de outras terras. [2]

Era filho de D. Affonso, conde de Gijon, e de D. Isabel, filha del-rei D. Fernando, e irmão de D. Constança, duqueza de Bragança, casada com D. Affonso, filho del-rei D. João I. [3]

E já el-rei D. Affonso o havia tambem nomeado fronteiro-mór da comarca de Entre Tejo e Guadiana, para substituir o condestavel, filho do malaventurado infante D. Pedro, duque de Coimbra, de quem D. Sancho fôra mortal inimigo. [4]

Estavam, porém, ainda vivas na memoria dos portalegrenses as perdas, inquietações e perigos por que haviam passado seus avós no dilatado cerco que lhes havia posto el-rei D. Diniz, para reduzir á obediencia seu irmão o infante D. Affonso; resistiram, por isso, *com leal porfia*, ao senhorio do conde [5], como os portuenses haviam resistido, pelo mesmo tempo, ao duque de Bragança. [6]

Uns e outros aproveitaram, por ventura, o ensejo de mostrar, com esta resistencia, a el-rei, ao conde de Odemira e ao duque de Bragança, quanto lhes era odiosa a negra perfidia com que haviam tramado a morte ao inclito infante [7]; porque foi por esse tempo que o

Ingrato e feio
Caso, digno das torres de Bizancio,
Viram de Alfarrobeira infames plainos
Roxos do sangue das civis discordias. [1]

Aos portalegrenses havia, além d'isto, el-rei D. Diniz concedido, por carta dada em Portalegre a 18 de novembro de 1337, que é anno de 1299, o privilegio de não ser conferido o senhorio da villa *nem a infante, nem a rico homem, nem a rica dona, mas ser del-rei, e de seu filho primeiro e herdeiro.* [2]

Defenderam-se, a final, com este privilegio, que el-rei D. Affonso v lhes veiu a confirmar em Veiros, aos 20 de agosto de 1460. [3]

II

Sem embargo da concessão del-rei D. Diniz, e da confirmação del-rei D. Affonso v, a que acabámos de nos referir, trinta e oito annos depois da ultima, conferiu el-rei D. Manuel o senhorio de Portalegre a D. Diogo da Silva de Menezes.

A el-rei D. Manuel, sendo ainda duque de Beja, dera el-rei D. João II por aio este fidalgo, por ser varão *de nobre sangue, e de muito bom aviso e saber, e de bom conselho.* [4] E a el-rei D. Manuel acompanhou todas as vezes que foi a Castella, como duque de Beja, e quando rei. [5]

Mas esta doação, tambem, não houve effeito, porque, ao tomar da posse, se oppozeram os principaes da villa; do que se tiraram instrumentos, em que com razões mui sufficientes mostraram que uma tal villa como aquella não era bem que se apartasse da Coroa, nem se désse a pessoa que filho de Rei não fosse. Do que el-rei foi mui indignado, e procedeu contra elles, castigando-os mui rigorosamente com penas, degredos e emprazamentos. [6]

Vendo, porém, que os portalegrenses *não queriam desistir de sua leal opinião*, revogou a mercê, e deu, com um conto de réis, o titulo de conde e a alcaidaria-mór do castello a D. Diogo da Silva de Menezes, de juro e herdade, na sua descendencia masculina, em 6 de fevereiro de 1498 [7], continuando, todavia, o senhorio de Portalegre na coroa, como d'antes. [8]

R. de Gusmão.

PONTE DO RIO LIMA

(Conclusão. Vid. pag. 351)

VIAS ROMANAS; VIA MILITAR DE BRAGA A ASTORGA POR PONTE DO LIMA; PONTE DO RIO LIMA, E ARRABALDE DA VILLA DE PONTE DO LIMA, CHAMADO RUA D'ALÉM DA PONTE.

Existem no arrabalde tres columnas miliarias da via militar de Braga a Astorga. Estão em um logar a que chamam o *Antepasso*, por onde seguia a dita estrada, pouco acima da ponte. Foram para alli transportados de differentes sitios em que se descobriram, fazendo-se excavações. Duas tem as inscripções que abaixo transcrevemos.

Imp. Cæs. Traino
Hadriano. Aug.
Pontif. Max.
Trib. Potest. XVIII.
Con. III. *P. P. A Braca*
Aug. M. P. XX.

[1] *Ineditos de Historia Portugueza*, t. I, pag. 372 e 445.
[2] *Memorias Historicas e Genealogicas dos Grandes de Portugal*, por D. Antonio Caetano de Sousa (2.ª ed.), pag. 656.
[3] *Ineditos de Historia Portugueza*, t. I, pag. 215 e 434.
[4] *Idem*, t. I, pag. 395.
[5] *Idem*, t. I, pag. 438.
[6] *Idem*, l. cit.
[7] D. Pedro, duque de Coimbra, que por dez annos regeu sabiamente estes reinos na menoridade del-rei D. Affonso v. O duque de Bragança arvorou-se em cabeça da conspiração contra este famoso principe, com quanto fosse, como elle, filho del-rei D. João I.

[1] *Camões*, pelo visconde de Almeida Garrett, canto VIII e IX.
[2] Temos presente uma copia d'este diploma, que obtivemos da Torre do Tombo, extrahida do *Livro dos Privilegios de D. João* III, l. VI, fl. 74.
[3] *Monarchia Lusitana*, t. V, l. XVII, cap. LIV, fl. 282 v.
[4] *Ineditos de Historia Portugueza*, t. II, pag. 52.—*Chronica del-Rei D. João* II, por Garcia de Resende, cap. XLVII.
[5] *Chronica del-Rei D. João* II, por Garcia de Resende (ed. de Coimbra), pag. 298.
[6] *Chronica del-Rei D. Manuel*, por Damião de Goes (ed. de Coimbra, t. I, cap. XIV, pag. 27.
[7] *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, etc., t. III, l. IV, pag. 204.
[8] *Chronica del-Rei D. Manuel*, por Damião de Goes, l. cit.

Em vulgar: *Levantou-se este padrão sendo imperador Cesar Trajano Adriano Augusto, pontifice Maximo, dezoito vezes investido no poder tribunicio, consul tres vezes, Pae da Patria. D'aqui a Braga são vinte mil passos* (cinco legoas).

Esta inscripção corresponde ao anno de 134 ou 135 da era christã. É um dos padrões da reedificação da estrada pelo imperador nomeado na inscripção. A do outro padrão é assim:

Imp. Cæ. Divi. Severi. P. N. Fil.
Divi. Marci. Antonini. E. P.
Divi. Antonini. P. I. I. Pronep.
Div. Hadriani. Abnep.
Divi. Trajani. Par. T. E. T.
Divi. Nerva. E. Adnepos.
Marco. Aurelio. Antonino.
Pio. Fil. Aug.
Part. Max.
Brit. Max.
Germanico Max.
Pontifici Max.
Tribunic. Potest. XVII
Imp. III. *Cos.* IIII. *P. Procon.*
Bracar. Aug. M. P. XX.

Diz em vulgar: *Levantou-se esta columna sendo imperador Marco Aurelio Antonino, filho de Divo Severo, neto de Divo Marco Antonino, bisneto de Divo Antonino Pio, terceiro neto de Divo Adriano, quarto neto de Divo Trajano Parthico, e de Divo Nerva, Pio, Feliz, Augusto, Parthico Maximo, Britanico Maximo, Germanico Maximo, Pontifice maximo, desesete vezes investido no poder tribunicio, tres na dignidade de imperador, quatro na de consul e proconsul. D'aqui a Braga são vinte mil passos* (5 legoas).

Commemora esta columna a reconstrucção da estrada pelo imperador Antonino Caracala, no anno de 213 ou 214 da era de Jesus Christo.

O terceiro padrão tem a maior parte das letras tão apagadas, que não é possivel perceber-se o sentido da inscripção. Apenas se distingue que foi erigido em tempo de um imperador chamado Constancio. Tendo havido no imperio romano varios soberanos d'este nome, não se póde marcar a era d'esta inscripção. Entretanto sabe-se que é posterior ao anno de 304, em que reinava o primeiro imperador d'aquelle nome, Constancio Chloro. O dito padrão apenas conserva as letras seguintes:

........*viciorio*
........*vessimo*
........*imp. Cons: tantio.*
........*Maximo ri*
........*umpatori*
........*semæ*.....
........I

Os dois primeiros deviam estar collocados outr'ora junto á ponte, do lado da villa, ou mais provavelmente da parte do arrabalde. A distancia que elles marcam a Braga (cinco legoas) é exactamente a que corresponde de Ponte do Lima á capital do Minho. Do terceiro não se póde saber a collocação, porque só lhe resta perceptivel a ultima letra das quatro que tinha para marcar a distancia.

Ha nos confins do arrabalde um monte, que, a ser verdade o que affirmam alguns antiquarios, é um logar memoravel na historia antiga do nosso paiz. É o monte *Arga*, que, por corrupção do vocabulo, muita gente chama Agra, o mesmo de que já fallámos, dizendo que n'elle estava fundada uma capella dedicada a Santa Justa.

O auctor dos *Estrangeiros no Lima*, e Contador de Argote, nas *Memorias do arcebispado de Braga*, impugnando as opiniões de varios escriptores castelhanos, pretende provar que o monte Arga da ribeira do Lima é o mesmo que os romanos denominavam *Medullio*. O monte Medullio foi theatro de um dos maiores actos de heroismo e amor da independencia que a historia dos povos tem guardado em seus archivos.

Nenhum paiz offereceu tamanha e tão obstinada resistencia ás armas romanas como este canto da Peninsula, chamado Lusitania. Os vencedores das nações mais aguerridas, os orgulhosos dominadores do mundo, viram por muitas vezes as suas aguias, afeitas á victoria, curvarem-se vencidas n'este solo que habitâmos. Aqui vieram perder o prestigio de um nome glorioso alguns dos mais habeis e valentes generaes de que se ufanava Roma. Aqui vieram acabar, rotos e desbaratados, formidaveis exercitos, tão fortes pelo numero e pela disciplina, como pela tactica e pericia dos seus chefes.

Estes antigos fastos militares da nossa patria são cheios de episodios, que pintam ao vivo o genio bellicoso, o caracter altivo e indomavel, e o amor da independencia dos lusitanos. O facto que vamos referir é um d'esses episodios.

Na lucta travada entre os lusitanos e os romanos, em tempo do imperador Augusto, mal podendo aquelles affrontar peito a peito, em campo aberto, exercitos disciplinados e experimentados na arte da guerra, e não tendo fortalezas a que se acolherem, procuravam o abrigo das montanhas escabrosas, e n'esses castellos naturaes defendiam, a todo o trance, a liberdade e a vida.

O imperador Augusto tinha logrado submetter quasi toda a Lusitania á força de valor e perseverança, enviando exercitos sobre exercitos a esta conquista. Porém, no meio das suas victorias, um ponto insignificante do paiz conquistado zombava de todo o seu poder. Era o monte Medullio, onde se tinham acolhido os povos que habitavam em derredor de suas faldas, entre as ribeiras do Lima e do Minho.

Caio Furnio e Caio Antistio cercavam a montanha á frente de numerosas tropas escolhidas entre as de maior bravura, e não cessavam de investir os lusitanos por todos os lados. Porém a coragem e o valor d'estes, auxiliados pelas fragas e algares da montanha, e pelos arvoredos espessos que então a cobriam, tornavam inuteis os esforços do inimigo.

Os generaes romanos, ao cabo de muito tempo consumido em tentativas baldadas, resolveram fazer render os lusitanos pela fome. Para este fim estabeleceram um cerco regular á montanha, cavando em volta d'ella um largo e profundo fosso. Os auctores antigos que trataram d'este successo dão ao fosso uma extensão de quinze mil passos, que equivalem a quinze milhas. Foi obra demorada, mas acabou-se, e pouco depois de concluida viram-se os sitiados na ultima extremidade. Não havia no monte coisa de que se alimentassem. O numero dos combatentes tinha diminuido excessivamente pelos muitos que haviam morrido nas sortidas intentadas por elles contra o inimigo, e nos assaltos dados pelos romanos. Os que restavam achavam-se extenuados pelas fadigas e por longas privações. Não havendo, pois, escolha possivel entre a morte e o captiveiro, aquelle indomito povo optou pela morte.

Quando os sitiadores, vendo extincta a resistencia, transpozeram o fosso e subiram pela montanha, acharam no mais alto d'ella o solo juncado de cadaveres. Homens e mulheres, velhos e crianças, todos tinham dado a morte a si proprios, ou uns aos outros, com ferro, com fogo ou com veneno!

I. DE VILHENA BARBOSA.